



Além da edição impressa, as notícias do Agronegócio são publicadas diariamente no site do JC. Aponte a câmera do celular para o QR Code e acesse. www.jornaldocomercio.com/agro



Agro vê efeitos indiretos com crise na Venezuela

Preocupação maior é com a tendência de alta do dólar e do preço de combustíveis, o que pode desestabilizar setores

Ana Stobbe

ana.stobbe@jcrs.com.br

A Venezuela não figura entre as principais nações que recebem produtos exportados pelo Brasil. Mesmo assim, a captura do presidente do país, Nicolás Maduro, pelos Estados Unidos, tem gerado preocupações econômicas desde o sábado, quando a operação militar foi realizada. No caso da agropecuária, a maioria dos efeitos tende a ser indiretos, relacionados ao possível fortalecimento do dólar e ao encarecimento de combustíveis.

É o caso do trigo do Rio Grande do Sul, que não é exportado ao país vizinho e tem como principal mercado o sudeste asiático. O mesmo acontece com a soja, voltada

principalmente à China, que até novembro de 2025 recebeu mais de 90% das exportações da oleaginosa produzida no Estado, conforme dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic) estruturados pela Gerência de Relações Internacionais e Comércio Exterior da Federação das Indústrias do RS (Fiergs).

"No mercado da soja, exclusivamente para o grão, não tem muitos reflexos dessa situação. Apenas se tivesse uma nova questão geopolítica. Por exemplo, se a China criasse algum conflito com os Estados Unidos, fazendo alguma intervenção ou querendo cancelar o acordo (de compra de soja dos EUA). Não acho que isso vá acontecer, mas teria que ser algo nesse âmbito para ter algum impacto

para esse mercado", avalia o analista e consultor de Safras & Mercado, Rafael Silveira.

Outro impacto pode ser na questão do petróleo, que pode ter flutuabilidade de preços e é utilizado na fabricação de combustíveis amplamente utilizados pelo setor – seja na produção ou na exportação.

"Se acompanhamos a movimentação do petróleo, isso nos dará um importante balizador desses impactos indiretos. O mercado abriu com 1,6% de alta no contrato de fevereiro do petróleo na Bolsa de Nova Iorque, devido às instabilidades em uma região com bastante reservas. Se o combustível ficar mais caro, vai gerar pressão inflacionária em todas as cadeias produtivas. Inclusive, no setor de biocombustíveis, que envolve o

complexo de soja, o mercado sucrealcooleiro e o do milho", avalia o coordenador de mercados da Consultoria Safras & Mercado, Fernando Iglesias.

Há, ainda, a preocupação com a tendência de fortalecimento do dólar ante moedas consideradas emergentes, incluindo o real, o que pode encarecer insumos comprados do exterior, embora favoreça as exportações. "A aversão ao risco que esse tipo de cenário hostil pode gerar pode fazer com que o dinheiro saia da economia brasileira, migrando para ativos mais seguros como o dólar e o ouro. Isso pode fazer a moeda brasileira desvalorizar, principalmente se a geopolítica ficar muito tensa e instável", acrescenta. No caso das carnes, o produto já encontrou

mercado na Venezuela, mas, hoje, é escasso. Portanto, o conflito não tende a preocupar o setor. "É um país que sofre uma pobreza muito grande, com uma economia dilapidada. É natural que não seja um grande mercado, porque eles não têm dinheiro. A carne de frango gaúcha, por exemplo, em 2014, quando começou o regime de Maduro, exportamos US\$ 212 milhões. E, hoje, não é um mercado tão interessante", pontua o assessor de Relações Internacionais da Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Farsul), Renan Hein dos Santos.

Em julho de 2025, a Venezuela taxou em até 77% produtos brasileiros como arroz, milho e carnes, dificultando ainda mais os embarques.

País sul-americano foi segundo maior importador do arroz gaúcho em 2025

Entre as commodities gaúchas, entretanto, um setor observa o desenrolar da situação atentamente: o do arroz, que tem no país vizinho um de seus principais mercados. Em 2025, até novembro, conforme os dados divulgados pela Fiergs, a Venezuela foi o segundo maior importador do produto, sendo responsável por quase 13% das vendas de arroz ao exterior, atrás apenas do Senegal, que representa

cerca de 20,4%.

O ano para o setor já foi de desafios, frente à forte pressão sobre os preços. E entra em 2026 com uma perspectiva de estoques de passagem acima de 2,3 milhões de toneladas, número considerado elevado, conforme o analista da Safras & Mercado Evandro Silva. "Essa é uma grande preocupação, esse excesso de oferta e toda a luta que a cadeia produtiva está fazendo

para colocar produto para fora. Então, uma potencial escalada nesse conflito poderia, sim, trazer algum impacto negativo. Mas, por enquanto, não temos notícia disso", pontua Silva.

Conforme o especialista, as comercializações com o país sempre foram complicadas: "é difícil chegar os navios e a questão da burocacia", considerou. O produto é escoado do Estado para o exterior a partir

do Porto de Rio Grande. Na Venezuela, portos foram afetados pelos bombardeios dos Estados Unidos, mas de acordo com Silva, os locais atingidos não eram utilizados para o escoamento da produção agrícola.

Por outro lado, é possível que a infraestrutura seja aprimorada na Venezuela para a recepção do produto e que, com melhorias econômicas, as exportações possam até mesmo crescer, acredita o analista. Entretanto, caso o mercado seja perdido, ele pontua que será necessário buscar ampliar a comercialização para parceiros comerciais existentes e estreitar relações com potenciais nações compradoras.

Para isso, Silva acredita que a cota do dólar precisa estar favorável, assim como a demanda nos possíveis novos mercados. A conduta, todavia, teria efeitos apenas no longo prazo.

Setor de fertilizantes brasileiro é pouco afetado pela situação

Jefferson Klein

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

Diferentemente de quando começou a guerra entre Rússia e Ucrânia, em 2022, o atual conflito na Venezuela não gera maiores apreensões no setor de fertilizantes no Brasil. Isso porque apesar de quase 90% das aproximadamente 50 milhões de toneladas de fertilizantes ao ano que abastecem o mercado nacional ser proveniente do exterior, segundo informações do Ministério da Agricultura e Pecuária, pouco desse volume provém do país vizinho.

O assessor de Relações Internacionais da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), Renan Hein dos Santos, informa que, de janeiro a novembro do ano passado, vieram da

Venezuela cerca de 320 mil toneladas de fertilizantes (o que representa apenas em torno de 1% das importações do produto feitas pelo Brasil). Em valores, essa movimentação significou em torno de US\$ 126,6 milhões. "A Venezuela fica em 16º lugar como fornecedor de fertilizantes para o País", assinala o analista.

Santos acrescenta que já no ano passado, em relação a 2024, se percebia a queda das importações de fertilizantes venezuelanos. Em 2024, nos nove primeiros meses do ano, chegaram ao Brasil, a partir daquele país, aproximadamente 496 milhões de toneladas do insumo, a um valor de US\$ 159,5 milhões.

Apesar da questão dos fertilizantes não ser tão preocupante, o integrante da Farsul admite que quando o assunto é petró-

leo, a situação na nação vizinha é inquietante, principalmente, quanto a uma eventual desestabilização do mercado internacional. Essa situação afetaria os custos de produção do agronegócio brasileiro.

Ele enfatiza que ainda é uma incógnita como se comportará o regime político da Venezuela a partir de agora. Por outro lado, Santos comenta que, se houver uma abertura de mercado, como consequência, essa situação pode favorecer algumas exportações feitas a partir do Rio Grande do Sul, especialmente, de arroz. Sobre o panorama logístico, o analista não espera que ocorram dificuldades que afetem os fretes marítimos.

O assessor de Relações Internacionais da Farsul frisa que todas as dependências que são



Brasil tem consumo total de 50 milhões de toneladas ao ano do insumo

extremas, como a de fertilizantes, criam um flanco de segurança para uma nação, o que torna interessante desenvolver uma produção local. No entanto, ele lembra que a criação de uma indústria nacional de fertilizantes envolve tópicos como custo de produção desse insumo.